

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E A PLURALIDADE SOCIAL

Heitor Romero Marques*

RESUMO

É impossível o ser humano desvincular-se da própria história. A autonomia é forjada no combate à ignorância. Os possíveis conceitos dos elementos do cotidiano do fazer pedagógico envolvem polissemias e idiossincrasias. Nesse sentido, a Filosofia da Educação é a própria Filosofia cuidando das questões educacionais. Como materialização da pluralidade da Filosofia da Educação, o texto apresenta dez propostas de conteúdos, a partir de autores diferentes. É possível vislumbrar o sentido da construção da justiça no seio da sociedade. Isto é, ter os pés no presente e os olhos no futuro.

PALAVRAS-CHAVE: filosofia; educação; pluralidade.

* Mestre em Educação pela UCDB. Doutorando em Desenvolvimento Local e Planejamento Territorial pelo convênio UCDB / Universidad Complutense de Madrid. Professor de Filosofia da Educação.

1. QUESTÕES PROLEGÔMENAS

De passo em passo o ser humano constrói o seu caminho, na medida de seu entendimento e da inexorável impossibilidade de negar a si próprio, ou seja, à própria história, por mais que ela se refaça a cada instante. O ser de hoje é o conjunto de todos os seres do passado. E se Paulo Freire (1997) nos apontou a **esperança** para forjarmos a **autonomia** de um existir pleno, é prova de que nesta jornada há mais ignorância a ser transformada em luz e caminho do que qualquer grau de certeza sobre as coisas já desveladas, cujo processo se estende do indivíduo ao grupamento social, da contingência à essência.

Entretanto, é precisamente esse estado de aparente e angustiante desencanto, de eterno vir-a-ser que nos deve servir de alento e esperança, visto que a própria autonomia é um advir, que ao esgotar no tempo, projeta-se em forma de esperança, em cada amanhã de um ser que deseja ser pleno.

2. A QUESTÃO DOS CONCEITOS

Os sentimentos e desencanto acima referidos se materializam na medida em que somos chamados a conceituar elementos do cotidiano do fazer pedagógico, a exemplo da educação, seus objetivos e fins, da aprendizagem, do papel do Estado, da Igreja, da família, do professor e da própria Filosofia da Educação.

Todos os possíveis conceitos a respeito desses e de outros tantos elementos do universo educacional gozam da mais pura e plena possibilidade polissêmica e idiossincrática, que de forma autêntica e honesta implicaria em nada conceituar, pelo menos quando não se deseja ser de todo incompleto.

Assim, há dificuldades racionais e operacionais insuperáveis não apenas de forma implícita, mas expressa na concretude da dinâmica de nossas vidas, em termos de estabelecer conceitos mais precisos e acabados do universo da Filosofia da Educação, não obstante, há a possibilidade de se tangenciar alguma compreensão provisória.

Destarte, esses conceitos, inclusive o da própria Filosofia da Educação, têm, ou pelo menos deveria ter, um suporte teleológico na noção de um bem que transcenda as contingências do existir humano.

Sendo assim, podemos advogar que os conceitos inerentes ao universo da educação gozam, por assim dizer, do beneplácido da contextualização histórica, em que a idéia explica o ente no seu momento e no seu espaço geográfico. Esta compreensão aliviaria a sensação da angustiante impossibilidade de se atingir definições mais duradouras, embora pudesse servir de esconderijo para as mentes mais preguiçosas e que buscam repouso no albergue da passividade.

Mas é preciso dizer que se propugna a Filosofia da Educação como uma oportunidade de se refletir todas e quaisquer questões da educação sob a ótica da própria, Filosofia quer clássica ou não clássica. Aliás, para Tobias (1986 : 14) *“não é possível Filosofia da Educação sem a fundamentação de certos princípios fornecidos pela*

Filosofia". Daí, sua posição teórica as apontar que "*Se a Filosofia é a ciência das causas profundas dos entes, conclui-se ser a Filosofia da Educação a ciência das causas profundas da educação (...) a ciência especulativamente prática das causas supremas da educação*".

Decorre dessa subordinação epistemológica que a Filosofia da Educação não é uma das partes da Filosofia, se não a própria Filosofia tratando dos entes educacionais. Para Athayde (1975 : 15), a Filosofia da Educação pretende "*estudar, sob o ponto de vista filosófico, esta realidade que se chama educação*". Apontou, também, que a "*Filosofia estuda a realidade, sob quatro aspectos que correspondem às quatro ordens do ser: racional, natural, moral e cultural*", que em última análise constituirão o arcabouço da Filosofia da Educação.

3. POSSÍVEIS CONTEÚDOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

A Filosofia da Educação, enquanto disciplina, é relativamente recente, o que não quer dizer que anteriormente não houvesse um pensamento pedagógico. Ao contrário, a questão educacional sempre se fez presente ao longo da história da humanidade, apenas a denominação é recente, enquanto lugar epistemológico. Isto significa que o estatuto da Filosofia da Educação comporta uma gama enorme de conteúdos, variando segundo a contextualização e os

objetivos a serem alcançados. A seguir, alguns exemplos, segundo os seus proponentes.

REBOUL (1980) apontou como proposta curricular:

“1. A educação.

1.1 conceito;

1.2 a família e a educação do sentimento;

2. Adestramento, aprendizagem, iniciação, ensino.

3. A cultura humana.

4. A autoridade em educação.

5. Natureza humana e educação.

6. Os fins da educação.

7. A autoridade e não-diretividade.

8. Valor e limites da pedagogia.

9. A pedagogia nova.

10. A pedagogia clássica contra a pedagogia nova.

11. Pedagogia e utopia.

12. Educação e política.

13. Educação moral”.

Para ATHAYDE (1975),

“1. Pressupostos da Filosofia da Educação.

2. Relação teoria e prática em educação.

3. Comunicação educativa.

4. Fim da educação.

5. Educação integral.

6. O problema filosófico do método.

7. *Autonomias e heteronomias em educação.*
8. *A missão de educar.*
9. *Educação e saber”.*

Conforme TOBIAS (1986),

- “1. *Fundamentos filosóficos da educação.*
2. *Conceituações de filosofia da educação.*
3. *Ontologia da educação.*
4. *Teleologia da educação.*
5. *Agente da educação”.*

Segundo LUCKESI (1992),

- “1. *Filosofia da educação: elucidações, conceituações e articulações.*
2. *Educação e sociedade: redenção, reprodução e transformação.*
3. *Tendências pedagógicas na prática escolar: liberal e progressista.*
4. *A escola que queremos.*
5. *Filosofia do cotidiano escolar: por um diagnóstico do senso comum pedagógico (senso comum pedagógico, sujeitos do processo, o conteúdo material didático, métodos de ensino).*
6. *Sujeitos da praxis pedagógico: o educador e o educando.*
7. *O conhecimento: elucidações conceituais e procedimentos metodológicos.*
8. *Conteúdos de ensino e material didático.*

9. *Procedimentos de ensino.*

10. *Didática: elementos articulador entre pedagogia e prática docente”.*

No entender de GADOTTI (1991),

“1. *A teoria da educação (brasileira).*

2. *A educação como ato político: a ‘pedagogia do oprimido’.*

3. *Educação da classe popular, educação do sistema.*

4. *O (des) prazer de ensinar e aprender.*

5. *A paixão de conhecer o mundo.*

6. *Crítica à escola capitalista e a democratização do ensino.*

7. *A preocupação com a especificidade da educação: a ‘pedagogia dos conteúdos’.*

8. *Educação e poder: a ‘pedagogia do conflito’.*

9. *Pensamento pedagógico brasileiro: unidade e diversidade”.*

Por sua vez GILES (1983) afirma,

“1. *Filosofia e educação.*

2. *Educação e teorias do conhecimento.*

3. *O processo educativo e imagens do homem (das civilizações orientais, Grécia e Roma, Europa medieval, da Renascença, início da época moderna, do Iluminismo, do Romantismo: Jena-Jacque Rousseau, da Revolução Francesa, do Neo-*

humanismo, de Pestalozzi (homem do povo); de Herbart (homem moral), de Froebel (atividade criadora), de Herbart Spencer (ciência); e

4. Crítica ao processo educativo”.

de acordo com CATÃO (1999),

“1. Escola, educação e filosofia.

2. As bases filosóficas da educação.

3. O pluralismo.

4. A escola no mundo pluralista (educação e utopia, liberdade, solidariedade, comunhão, interdisciplinaridade).

5. Educação e ensino religioso”.

Em conformidade MARTINS (1992),

“1. Reflexões sobre o ‘lugar’ do homem contemporâneo.

2. Os enfoques contemporâneos na filosofia da educação com vista a currículo (filosofia pública, fenomenologia, educação transformadora)

3. A construção do currículo e a sua fragmentação.

4. O currículo na abordagem na perspectiva fenomenológica”.

Do ponto de vista de PAVIANI (1991):

“1. O lugar da Filosofia da Educação.

2. Crítica da teoria e da prática educacional.

3. *Os fins da ação educacional.*
4. *Educação e realidade.*
5. *Educação e cultura.*
6. *A dimensão comunitária da escola.*
7. *Educação, poder e ação participativa.*
8. *A problematização como recurso pedagógica.*
9. *O ensino numa visão epistemológica.*
10. *O comportamento ético do professor”.*

E finalmente FULLAT (1995),

- “1. *Estatuto da Filosofia da Educação (questões de nomenclatura, classes de saberes, o saber filosófico, a filosofia da educação).*
2. *Estrutura educanda do homem (panorâmica antropogenética, a indefinição biológica, socialização institucionalizada, conflitividade escolar, a cultura e suas fontes, a liberdade criadora).*
3. *Filosofia da educação contemporânea (as antropologias contemporâneas, o homem intemporal, antropologias freudianas, o homem como liberdade do anarquismo, o homem desumanizado, o homem positivo, o indivíduo do existencialismo, o homem comunista, o homem pessoa)”.*

Como podemos ver, nas distintas abordagens, não há uniformidade de conteúdos na Filosofia da Educação. Há todavia, alguns elementos que perpassam as diferentes propostas, enquanto preocupações comuns, como é o caso do estudo do homem (visão antropológica), a educação e seus fins, os agentes educacionais e a sociedade. O procedimento comum adotado nas diferentes propostas é a reflexão crítica.

4. A PLURALIDADE SOCIAL E A DIGNIDADE DO HOMEM

Não é nenhuma novidade o fato de que a sociedade e, por conseguinte, a cultura se diversificam cada vez mais ao longo da história. Daí podermos dizer das profundas dificuldades nos dias atuais, em qualquer campo do conhecimento, notadamente naqueles relacionamentos à natureza social do homem.

Entretanto, em referência à dinâmica cotidianidade da vida social, é possível vislumbrar a existência de uma aspiração democrática nas lides educacionais, em vista da permanente construção da dignidade humana e da sua possibilidade educanda. Certamente que a reflexão a este respeito pertence à Filosofia da Educação, que para isso transcende o seu estatuto de disciplina para poder manifestar-se interdisciplinarmente. A isso se compara o regozijo da solidariedade do discurso, cuja validação está na dimensão do concreto e da prática. É um momento em que o ser humano se escandaliza com a miséria desigual, com a justiça social da parcialidade, com a fome, com a violência, com os privilégios de toda ordem, enfim, com tudo aquilo que coloca o ser humano em situação de sofrimento e impossibilidade de construir a felicidade.

Desse ponto de vista, decorre a necessidade de ver a Filosofia da Educação como uma discussão que transcende a educação escolar para atingir a vida como tal, em toda sua dimensão e complexidade. Para tanto, é preciso superar as concepções acrítico-ingênuas próprias das mentes historicamente alienadas. Tal procedimento corresponde à necessária

possibilidade de falarmos de uma utopia social, enquanto projeto de sociedade em confronto com a injustiça presente na maioria das sociedades atuais. Pensar e agir nessa direção corresponde aceitar a inconclusão do ser humano, cujo entendimento conduz os sentimentos de que feliz é quem sabe construir o bem para que o outro dele se beneficie. Essa postura política vai além da política que conhecemos na mediocridade dos partidos, na limitação das siglas. Ela quer dizer da nossa integridade enquanto criatura para transcender o desvelar parcial da existência. Nesse sentido, a Filosofia da Educação deseja ser mais do que uma discussão criteriosa e sistemática da educação, enquanto preparação para a vida, ela quer e deve ser o entrelaçamento da reflexão e da vida que se faz no aqui e agora.

Estamos, nos últimos tempos, excessivamente preocupados na busca da eficácia pura da escola; que todos desfrutem dela a fim de que cada um possa situar-se com maior justiça no seio da sociedade (FULLAT, 1995). E, aliados a isso, os professores, por sua vez, se forem afáveis e carinhosos, e não afastarem de si os espíritos com ato de aspereza, mas os atraírem a si afetuosamente, com atitudes e palavras paternas; se exaltarem os estudos empreendidos pelos alunos, mostrando a sua importância, o seu encanto e a sua facilidade, chamando os alunos juntos de si, despertando a sua admiração, enfim, tratando-os com afabilidade, facilmente conseguirão tornar-se senhores de seus corações, de modo que eles sintam até mais prazer em estar na escola que em casa (COMÉNIUS, 1957 : 234), prazer de viver a vida, prazer de conviver no mundo, construindo-o.

É isto que se deve procurar fazer na educação, não por imposição teórica, mas o convencimento reflexivo. Isto

é Filosofia da Educação na dimensão especulativamente prática, na medida em que não há sentido na reflexão sobre a educação desvinculada da realidade e da vida.

Este modo de pensar implica, necessariamente, na tese de que o educador trabalha sempre com os pés no presente e os olhos no futuro. Isto equivale à idéia de que a constituição se dará pela integralização do ser humano por ele idealizado. Certamente, este é o aspecto desafiador do trabalho do educador hoje, uma vez que não mais se concebe a homogeneidade pura e simples da humanidade, mas, ao contrário, espera-se do seu fazer a reconstrução de um mundo que considere a coexistência do plural e da diversidade.

Daí, a dificuldade maior em fazer educação de forma coerente e, portanto, crítica, na atualidade. Se precisamos de um modelo para traçarmos o perfil da sociedade idealizada por outros, os modelos se multiplicam e se perdem na própria pluralidade diversa. Entretanto, é possível que mesmo não havendo um modelo único pelo qual possamos pautar, será sempre provável o caminhar por algumas referências éticas universais, capazes de balizar o caminho do ser humano.

BIBLIOGRAFIA

- ATHAYDE, Belchior Maia. *Fundamentação filosófica da educação*. São Paulo : Pioneira, 1975.
- CATÃO, Francisco. *A educação no mundo pluralista*. São Paulo : Paulinas, 1993.
- COMÊNIO, João Amós. *Didática magna – tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Trad. e notas de Joaquim Ferreira Gomes. 3. ed. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1957.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro/São Paulo : Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo : Paz e Terra, 1997.
- FULLAT, Octavi. *Filosofia da educação*. Trad. de Roque Zimmermann. Petrópolis : Vozes, 1995.
- GADOTTI, Moacir. *Pensamento pedagógico brasileiro*. 4. ed. São Paulo : Ática, 1991.
- GILES, Thomas Ranson. *Filosofia da educação*. São Paulo : EPU, 1983.
- GIOVANI, Pico della Mirandola (1463-1494). *A dignidade do homem*. Trad., notas e estudo introdutório Luiz Ferracini. São Paulo : GRD, 1988.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da educação*. São

Paulo : Cortez, 1992.

- MARCEL, Gabriel. *En busca de la verdad y de la justicia*. Trad. de Juan Godo Costa. Barcelona, Editorial Herder, 1967.
- MARQUES, Heitor Romero. *Metodologia do ensino superior*. Campo Grande : UCDB, 1998.
- MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poiesis*. São Paulo : Cortez, 1992
- PAVIANI, Jayme. *Problemas de filosofia da educação*. 6. ed. Petrópolis : Vozes, 1991.
- REBOUL, Olivier. *Filosofia da educação*. 3. ed. Trad. Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1980.
- TOBIAS, José Antonio. *Filosofia da educação*. 4. ed. Presidente Prudente : UNOESTE, 1986.